

NO COLO DE KADIDJA: A MATRIARCALIDADE AFRICANA EM AMKOULLEL, O MENINO FULA

EUMARA MACIEL DOS SANTOS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB).

Resumo

Neste trabalho, tem-se como objetivo traçar uma linha de estudo sobre a matriarcalidade africana em Amkoullel, o menino fula, de Amadou Hampâté Bâ, o mestre da tradição oral africana, ao passo que seja observada tal matriz cultural, bem como o grande valor que possuía para os fula. A pesquisa, que impulsionou a escrita deste artigo, direcionou-se para a matriarcalidade, um viés cultural que confere às mães africanas o poder de principiar, e também guiar sua família. Ao confrontar as narrativas de Bâ (2003) com os pressupostos teóricos que versam sobre o papel da mulher na sociedade, descortinaram-se as idéias de Beauvoir (1989) que questiona o casamento como instituição e ataca a opressão masculina, Deleuze & Guattari (1995) ao trazerem o conceito de rizoma, Ferenczi (1991) que conceitua a idéia de introjeção, Scott (1990) ao tratar sobre o papel da história na construção das relações de gênero, Tubert (1996) que discorre sobre maternidade e novas tecnologias de reprodução, entre outros. Assim, neste artigo, procura-se mostrar a beleza das matrizes culturais africanas, ao passo que se faz um relato autobiográfico das memórias infanto-juvenis do autor, ressaltando o grande valor da mulher na África de Amkoullel, na região da savana do atual Mali.

Palavras-chave:

Literatura Africana, Matriarcalidade, Memória.

Neste artigo, analisou-se a matriarcalidade na obra de Bâ (2003), por meio da pesquisa sobre a cultura africana e outras referências sobre o tema, ao passo que a figura materna, representada por Kadidja, traz em todo seu envoltório físico e espiritual o poder de gerar a união de vidas que se entrelaçam num elo quase divino, ao aconchegar um ser em seu ventre: mãe e filho; fruto e semente; Kadidja e Amkoullel.

Com o intuito de dar continuidade aos estudos iniciados a partir das matrizes culturais africanas em *Amkoullel, o menino fula*, a pesquisa, que impulsionou a escrita deste artigo, direcionou-se para o matricentrismo, um viés cultural que confere às mães africanas o poder de principiar, e também guiar sua família.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico fundamentada à luz dos estudos de Beauvoir (1989), Del Priore (1997), Deleuze & Guattari (1995), Ferenczi (1991), Scott (1990), Tubert (1996) entre outros.

Amadou Hampâté Bâ (2003), nascido na África savânica, atual Mali, foi um mestre da tradição oral que, baseando-se em fatos memoráveis, escreveu o livro *Amkoullel, o menino fula*, no qual abriu um leque de matrizes culturais africanas, tecendo relatos auto-biográficos das memórias infanto-juvenis.

2 AS RAÍZES DAS MEMÓRIAS DE AMKOULLEL, O MENINO FULA: O FLORESCER DA MATRIARCALIDADE AFRICANA.

No colo da mãe África, foram geradas as memórias que Amadou Hampâté Bâ guardou de Kadidja, sua mãe, sendo ela, o seio das narrativas de *Amkoullel, o menino fula*.

A matriarcalidade é uma das matrizes culturais africanas em que a crença ancestral exalta a figura feminina como a grande portadora do poder de principiar a vida do homem. Este é um dos muitos motivos que concedem a Kadidja, como mãe, a honra de ser considerada quase como uma divindade: “Os deuses e os homens têm uma mesma origem; uma única mãe deu vida a estas duas raças” (PÍNDALO apud TUBERT, 1996, p. 78).

Ao fazer referências às regras de boa educação africana, Bâ (2003) pede perdão por não ter iniciado o livro falando de Kadidja:

Que minha mãe me perdoe, portanto, não ter começado por ela esta narrativa, apesar de tudo aquilo que lhe devo, mas o encadeamento cronológico também tem suas leis. Desta página até a última, no entanto, ela ocupará um lugar essencial nesta obra. (Bâ, 2003, p.51).

Desta maneira, criou um capítulo para acolher as histórias dela que, por sua vez, desmitificam a figura da mulher africana. São fatos que vão de encontro à idéias do senso comum. Assim era Kadidja, com um toque bem especial de força ao que deve o apelido de “mulher de calças”. (BÂ, 2003, p. 54).

Por pertencer a uma família calcada numa estrutura matrilinear^[1], Kadidja carregava todas as responsabilidades, sempre com muita competência e presteza, sem medir esforços para lutar, até mesmo literalmente, pelos seus: “minha mãe pegou um pote de barro ao alcance de sua mão e atirou com toda força no peito do marinheiro-chefe” (BÂ, 2003, p. 116), conta Amadou, quando tentaram abusar de sua família, e sua mãe, como uma guerreira, defendeu-a. É ela a mãe de Amkoullel que, ao desbravar os mitos e ritos sobre a mulher na África, dedica-se aos filhos, assim como mostra Florentina Souza e Silva (2006, p. 339):

A maternidade, como espaço de reprodução e doação, como lugar importante para a mulher exercer sua identidade (...) como faculdade humana e feminina marcada pela grandiosidade e que se liga a questões da natureza física e também de um aprendizado com outras mulheres.

A mãe de Amkoullel é a figura feminina representando a ruptura dos ideais convencionais que põem a mulher-mãe no sub-lugar, atribuindo valor comum e limitando-a ao senso do sexo frágil:

‘Tudo o que somos e tudo que temos, devemos somente uma vez a nosso pai, mas duas vezes a nossa mãe’. O homem, dizemos, nada mais é que um semeador distraído, enquanto a mãe é considerada a oficina divina onde o criador trabalha diretamente, sem intermediários, para formar e levar à maturidade uma nova vida. (BÂ, 2003, p. 51).

É importante ressaltar que as religiões refletem, na vida cotidiana dos seus fiéis, as suas doutrinas e seus ideais. A religião dos fula era islâmica, portanto, seguia o Alcorão, que, por sua vez, prega a poligamia. E é justamente este motivo que conferia aos homens fula o direito de se casar com mais de uma mulher, mas não sem algumas restrições:

Se vós temeis não serdes capazes de conviver justamente com os órfãos, casai com mulheres de sua escolha, 2 ou 3 ou 4 vezes; mas se temerdes que não sereis capazes de conviver justamente com elas, então casai somente com uma. (<http://www.islam.com.br>).

As mulheres fula sentiam que a poligamia poderia ser uma experiência feliz e benéfica se as co-esposas cooperassem umas com as outras.

Com fortes influências colonizadoras dos muçumanos, a África do Mali tem o islamismo como religião central, porém as mulheres não são escondidas sob suas vestes, perdendo sua voz ativa. Ao correr a leitura da obra, percebe-se o hibridismo[2] religioso, em que, por mais influente que seja a cultura do outro, o tronco religioso não se perde, mas funde-se, trazendo particularidades importantes para o desenvolvimento sócio-cultural.

Porém, mesmo não sendo a única companheira do marido, Kadidja sempre se sobressaia entre as outras esposas. Cabe, aqui, o conceito de rizoma, caracterizado pelo hibridismo[3] cultural em que a raiz cresce horizontalmente para dar origem a novas variações culturais, porém ligadas pela mesma matriz: “o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 17).

Nessa mescla de tradições, o tronco, no caso, a África, mesmo ramificando-se pelo contato com outras culturas, não perde sua caracterização, nota-se, portanto a representação do hibridismo cultural, ou seja, o fato de as mulheres africanas irem de encontro a alguns princípios muçumanos em detrimento da matriz africana, no caso, a não ocorrência da submissão ao marido, como determina a raiz cultural islâmica. Desse modo, a obra expõe verdadeiras manifestações das variações religiosas: desde o misticismo presente em grande parte das culturas africanas, até o Alcorão do Islã, diversidade que, na maioria das vezes, não se choca, completa-se.

Conforme prega o islamismo, Kadidja fora prometida a Hampâté, seu primo, ainda em sua flor da juventude, porém dos frutos desse casamento amadureceu somente o próprio Bâ, que bebeu da seiva da frondosa árvore da família até o corte da união, pois Gabdo, sua irmã mais nova, e Hammadoun, o mais velho, não puderam fincar suas raízes para poder florescer, pois o caule de suas vidas fora rompido.

Kadidja ainda chorava a morte de sua filha mais nova, quando seu pai, Patê Poullou, também se juntou à Gabdo na caminhada ao infinito. Toda tristeza inundava sua alma ao afogar-se em lágrimas que enveredavam em busca de conforto para cessar a fonte que insistia em jorrar o desabafo. Conformou-se.

Vivaz e jovem, a mãe de Amkouel traçou nova linha para seu horizonte ao se divorciar de Hampâté: aceitou casar-se com Tidjani Thiam, filho do rei de Bandiagara. Com ele, Kadidja viveu um amor mútuo, porém esta troca custou-lhes muito sofrimento pelo fato de não ser um casamento bem quisto por conta da rivalidade existente entre os vários pretendentes:

Ao escolher Tidjani Thiam para segundo marido, minha mãe sabia com quem estava se metendo, e não saía do círculo de amigos que lhe eram caros. Por seu lado, Tidjani Thiam amava muito kadidja, cujas qualidades admirava. Foi esse amor mútuo que os levou a tornar seu casamento um sucesso e a mantê-lo contra ventos e tempestades, apesar da sucessão de acontecimentos trágicos que enfrentaram. (BÂ, 2003, p. 59).

Aquele que Kadidja carregou no seu ventre e o embalou com histórias e cantos Tidjani o adotou e deu-lhe a legitimidade para herdar seus bens. Amkoulel passou a ser o filho primeiro de Tidjani Thiam, gestor-mor das posses da casa do rei esposo de sua mãe.

Com sentimento de solidão ao ver o marido, agora escolhido por ela, cárcere no exílio, Kadidja rasgava suas vestes ornamentais e refazia-se, rompendo o casulo, mostrando uma nova mulher, sempre pronta para lutar pelo bem dos que amava.

Essa mulher retoma, nos recônditos de si, forças para bater o pé de seu *bubu*[4] e erguer uma aldeia: *Kadidiabugu* lá estaria, próxima do exílio, onde estava Tidjani, onde geriu um projeto que culminou numa região próspera que movimentou renda e lucros para todas as famílias ali presentes. Torna-se comerciante hábil, faz do seu artesanato moeda forte. Antes, uma esposa aliançada com um degredado preso, depois, adentra a Bandiagara trazendo consigo todo vigor de sua alma ao sobrevoar por seu passado, pousando em seu presente: a borboleta Kadidja.

No bojo da história, Amkoulel vai sempre referendar sua mãe como portadora de grandes e sábios conselhos que, em muitos momentos da narrativa, ela foi a maior referência em sua vida, assim como mostra Kolbenschsosg (1991): “A mãe é o primeiro espelho que miramos quando partimos em busca de auto-afirmação (...)”. Bâ (2003) faz um recorte minucioso ao não prendê-la a um espaço isolado, põe o matricentrismo [5] como maior fomentador de sua busca pelo saber.

Porém, dividir, em níveis hierárquicos, as relações do homem e da mulher é uma prática histórica que se esconde à sombra do preconceito. Segundo Scott (1990), ao despertar o leitor para o enraizamento de idéias masculinas escritas pelos historiadores, ocultam se, de forma tão míope, as teorias que se separam em linhas de alteridade, os gêneros – colocando os homens acima, e as mulheres, abaixo – ao dividir horizontes que não se limitam à mera classificação homem/mulher.

Bâ ressalta, com louvores, o gênero feminino, evidenciando, assim, toda a sua simbologia a partir do encontro de seus ideais com os de Simone de Beauvoir (1970) que faz da figura feminina um ser forte, ao mostrar o esplendor do ser mulher:

A mãe é a raiz plantada nas profundezas do cosmo e que suga os sucos, é a nascente de que jorra a água viva que é também um leite nutriz, uma cálida fonte, uma lama feita de terra e água, rica de forças regeneradoras. (BEAUVOIR, 1970, p. 185).

Kadidja, ao caminhar sempre de mãos dadas com Amkoullel, guiou-o pelos caminhos da dignidade até o dia em que o menino fula, não mais tão menino, tomou seu destino de ganhar o mundo:

(...) tomando minhas mãos nas suas, disse-me: “Olhe bem nos meus olhos”.

Mergulhei meu olhar no seu e, por alguns instantes, como se diz em fula, “nossos olhos tornaram-se quatro”. Toda a energia desta mulher indomável parecia fluir para mim através de seus olhos. Virou então minhas mãos e em um gesto de grande benção materna, à maneira das mães africanas passou a ponta da língua sobre as minhas palmas. (BÂ, 2003, p. 340-1).

Para os fula, a saliva tem grande significação, haja vista que representa o poder da palavra, do conselho. E foi com esse gesto de afeição que Amkoullel terminou a narrativa ao expor a permanência dos ensinamentos de sua mãe por toda a sua vida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da narrativa, Bâ (2003) mostra que, do seio da Mãe África, foram retiradas as memórias que nutriram o enredo de *Amkoullel, o menino fula*, exaltando a figura semi-divina de sua mãe, Kadidja, ao torná-la protagonista da história de sua vida, por ser forte e determinada: o símbolo maior da matriarcalidade.

Kadidja personifica o vigor feminino africano que desmonta a concepção de sexo frágil através do enraizamento do matriarcado cultural, ao passo que mantém a origem da cultura africana por meio das ramificações que levam a seiva cultural e todo o seu vigor, ao frutificar, por gerações, a semente dessa matriz cultural.

Dessa forma, Kadidja traz consigo a força do baobá[6] e recosta, sobre seu seio, toda a perfeição de uma mãe, que fez germinar a imagem de geradora da família, ao constituir nutriente vital para o tronco matriarcal africano.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970 [1949].

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: introdução, rizoma**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERENCZI, Sándor. **O conceito de introjeção**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRENCH, Marilyn. **A guerra contra as mulheres**. Tradução de Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Cortez, 1985.

KOLBENSCHLSOSG, Madona. **Adeus bela adormecida**: a revisão do papel da mulher nos dias de hoje. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1991.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife: SOS: Corpo e Cidadania, 1990.

SILVA, Florentina Souza e. **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. Rita Chaves e Tania Macedo (Orgs) São Paulo: Alameda, 2006.

TUBERT, Sílvia. **Mulheres sem sombra**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1996.

O alcorão sagrado. Tradução <http://www.islam.com.br/quoran/traducao/index.htm>, acesso em 18/11/2008, às 14:00)

Baobá, a árvore sagrada (<http://www.flickr.com/photos/meumundo/125475683>, acesso em 13/03/2009)

Da deusa à bruxa (<http://www.artigonal.com/ciencia-artigos/da-deusa-a-bruxa-367168.html>, acesso em 12/02/2009).

Introjeção, um processo (<http://www.geocities.com/hotsprings/villa/3170/introj.html>, acesso em 14/02/2009)

Conhecendo o desconhecido (<http://www.ritosdeangola.com.br/news.php>, acesso em 05/03/2009)

[1] É uma classificação ou organização de um povo, grupo populacional, família, clã ou linhagem em que a descendência é contada em linha materna. (www.ritosdeangola.com.br).

[3] O termo híbrido desenvolveu-se a partir de origens biológicas e botânicas tornando-se um termo-chave na crítica cultural contemporânea: "Onde quer que apareça, ele sugere a impossibilidade do essencialismo". (YOUNG apud CASHMORE, 2000, p. 253).

[4] Grande túnica, vestimenta típica dos muçumanos africanos. (BÂ, 2003, p. 43)

[5] A mulher era considerada um ser sagrado, pois só a ela era atribuído à função de procriação. (<http://www.artigonal.com>).

[6] O Baobá é o emblema nacional do Senegal e árvore nacional de Madagascar e do continente africano (<http://www.flickr.com>).

